

# NIETZSCHE: DA MORAL DEGENERATIVA À INCONSTÂNCIA PROPULSORA DA VIDA

ELIANA PIRES ROCHA. graduanda no curso de Filosofia da Universidade de Brasília  
E-mail: eliaprocha@gmail.com

**Resumo:** *Uma crítica aos valores demanda um exame em torno da própria formulação da moral. Refutando noções caras à visão teleológica predominante, a vida, em Nietzsche, assumirá uma inconstância instintiva, resgatando a vitalidade que foi embotada pela cultura judaico-cristã. A partir de dois textos, Genealogia da Moral e Além do Bem e do Mal, enfrenta-se, neste artigo, conceitos que integram o procedimento genealógico.*

**Palavras-chave:** Moral – Pulsão - Vitalismo – Grandeza

## A vivisseção da moral

**E**mpreendendo uma crítica aos valores ocidentais da modernidade, NIETZSCHE produzirá uma história natural da moral. Ao alinhar moral e religião, o filósofo leva a cabo um exame da própria moral, uma “vivisseção dessa mesma fé”, pois os fatos, como postos até então pela filosofia, derivaram superficialmente de uma “forma erudita de *boa-fé* na moral predominante”.<sup>1</sup> O ponto nodal dessa investida residirá na criação dos valores cuja valia não chegara a ser até então questionada, porque o mundo suprasensível não oferecera legitimidade para isso. Contudo, ao serem investigados, se revelam fruto da criação humana.

A psicologia é concebida como morfologia e teoria da evolução da *vontade de poder*, permitindo ver “*um sintoma do que foi até aqui silenciado.*” Com efeito, a psicologia “*tem estado presa a preconceitos e temores morais. Não ousou descer às profundezas. A força dos preconceitos morais penetrou profundamente no mundo mais espiritual, [...] de maneira inevitavelmente nociva, ofuscante, deturpada.*”<sup>2</sup>

A genealogia da moral resultante dessa análise, ao congregar simultaneamente o valor da origem e a origem dos valores, opõe-se tanto ao caráter absoluto dos valores quanto ao seu caráter relativo ou utilitário. Nas palavras de Deleuze,

Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo, este é o elemento propriamente genealógico ou crítico. Mas assim compreendida, a crítica é ao mesmo tempo o que há de mais positivo. O elemento diferencial não é a crítica de valor dos valores sem ser também o elemento positivo de uma criação. Por isso a crítica nunca é concebida por Nietzsche como uma reação, mas sim como uma ação..<sup>3</sup>

É a fisiologia que dá lastro para que a psicologia se reestruture, abrindo caminho para a resolução dos problemas fundamentais em que esta assumirá primazia como ciência teórica. No confronto entre a psicologia e a fisiologia, colhe-se contribuições de ambas sem sucumbir às suas limitações.<sup>4</sup>

## A pulsão nos subterrâneos da vida

<sup>1</sup> *Além do Bem e do Mal*, §186, p. 86.

<sup>2</sup> NIETZSCHE. *Além do Bem e do Mal*, § 234, p. 29.

<sup>3</sup> DELEUZE. *Nietzsche et la philosophie*, p. 03.

<sup>4</sup> MARTON, *Das forças cósmicas aos valores humanos*, p. 106.

Refutando explicações da gênese pela finalidade, a vida, em NIETZSCHE, será levada a subterrâneos instintivos e pulsionais, apresentando-se como vontade de poder em direção ao transbordamento. Nesse sentido, “*Uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão à sua força – a própria vida é vontade de poder: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes consequências*”. É necessário, portanto, “*cuidado com os princípios teleológicos supérfluos! – um dos quais é o impulso de autoconservação.*”<sup>5</sup>

Com o conceito de vontade de poder, a pretensão nietzschiana é fulminar a ingenuidade em vigor que, fundada numa visão teleológica, explica a gênese pela finalidade, pois

“a causa da gênese de uma coisa e a sua utilidade final, a sua efetiva utilização e inserção em um sistema de finalidade, diferem *toto coelo* [totalmente]; de que algo existente, que de algum modo chegou a se realizar, é sempre reinterpretado para novos fins, requisitado de maneira nova, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior; de que todo o acontecimento do mundo orgânico é um subjugar e assenhorear-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o ‘sentido’ e a ‘finalidade’ anteriores são necessariamente obscurecidos ou obliterados.”<sup>6</sup>

Ao refutar a noção de essência inerente a tal teleologia, rompe-se o vínculo entre origem e finalidade, imprime-se uma descontinuidade que dá vazão aos excessos, ao descontrole. Nietzsche se debate contra a ficção gramatical da identidade historicamente fixada que se opõe à diferença. Sua filosofia imprime um esvaziamento extrínseco da teleologia interna que, parcimoniosa nas suas reflexões, insiste em relacionar gênese e utilidade, trazendo à tona uma unidade de sentidos. Todavia, a unidade é secundária, pois o privilégio é do conflito resultante da força do poder.

No vitalismo inerente à vontade de potência não há lugar para uma natureza econômica ou adaptativa (darwiniana) que esgote a vida, que a tire, desprestigiando o caráter irrefreável do devir em favor de um ideal de permanência. Seja qual for o instinto, sua expressão resulta de uma luta de superposição que vem dos instintos fisiológicos, do baixo ventre.

A verdade enquanto problema moral será concebida como vontade de verdade. Deslocando-se para o âmbito extramoral, isto é, fisiológico, explica-se a vida a partir de fora, dos instintos orgânicos. No uso de argumentos *ad hominem*, a filosofia nietzschiana tem como base explicativa a atividade pulsional humana voltada à sua preservação. O objetivo de todo conhecimento é fisiológico, qual seja, aplacar o desejo em prol da manutenção da vida.

<sup>5</sup> *Além do Bem e do Mal*, § 13, p. 20.

<sup>6</sup> NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, § 12, p. 66.

Na crítica formulada às relações de poder vigentes na modernidade, o pensamento de NIETZSCHE tem, dentre seus contrapontos, o positivismo. Como radicalização da vontade de verdade, o positivismo, com base em conceitos inautênticos de diferentes procedências, conduz a um niilismo exacerbado que rompe a vida pela neutralização e hostilização das suas pulsões. Enquanto expressão da racionalidade técnica, da decadência, o niilismo revela-se como uma patologia crescente cujas raízes tem lugar em PLATÃO. Posteriormente, convertido num platonismo cristianizado, o ideal ascético decorrente do niilismo imprime justamente um desejo pela estabilidade.

Daí o *atomismo da alma* – ficção atávica - embalado pelo cristianismo que, avesso à pluralidade do sujeito, renega à (hipótese da) alma – então indestrutível, eterna e indivisível - o *status* pluralista de estrutura social dos impulsos e afetos; a crença na matéria, na substância acaba por privilegiar a identidade em detrimento da diferença.

No entanto, a alma é constituída por instintos em conflito, por relações de poder. Visando preservar uma crítica da cultura, mantém-se a noção de alma, porém sob um molde não unitário. A pretensa unidade é ficcional, pois a alma é múltipla; construída por relações de poder, seus múltiplos estão sempre em conflito num amálgama de forças contraditórias.

Também o querer é irreduzível à unidade. Assim entendendo, NIETZSCHE vem combater tese construída a partir da filosofia aristotélica, para a qual existe uma fundamentação que preside a volição. No sentir do filósofo, há um exercício de tirania da moral contra a natureza e a razão:

“a ‘natureza’ nela é que ensina a odiar o ‘laissez aller’, liberdade excessiva, e que implanta a necessidade de horizonte limitado, de tarefas mais imediatas – que ensina o ‘estreitamento das perspectivas’, e em determinado sentido também a estupidez, como condição de vida e crescimento.”<sup>7</sup>

### A “verdade” que provem da metafísica

Os ataques de Nietzsche se estendem à vontade de verdade engendrada pela metafísica. Esta, na recusa de tudo duvidar e mesmo se fiando na *certeza imediata* cartesiana, assumiu uma crença na *oposição de valores*, concebendo-a, ao final, como verdade: “*Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos.*” Trata-se de uma valoração que sustenta todos os seus procedimentos lógicos e um saber, ao final, “*batizado solenemente de ‘verdade’*”.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Idem, § 188, p. 89.

<sup>8</sup> Idem, § 2, p. 10.

Tal crítica também se dirige a KANT, na medida em que a faculdade moral dos juízos sintéticos *a priori* embasa as pretensões de objetividade da ciência. Contudo, tais expectativas somente respondem a formas de vida ocidentais que se destinam “à conservação de seres como nós” mediante a retenção das pulsões.<sup>9</sup>

Desimporta, entretanto, para NIETZSCHE, a falsidade de um juízo, pois sua relevância está centrada no potencial que ostenta para promover ou conservar a vida. Embora esses juízos emanem de valorações interpretativas – pertencentes à *ótica-de-perspectivas da vida* -, aposta-se numa “*crença de fachada e evidência*.” Existe conseqüentemente uma recusa em reconhecer a inverdade como condição “*de vida, pois isso importaria “enfrentar de maneira perigosa, os habituais sentimentos de valor; e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal.*”<sup>10</sup>

Os vestígios que restaram da filosofia – que, agonizante, se mostra reduzida a uma teoria do conhecimento - denunciam um tímido epoquismo e uma abstenção, dignos de desprezo.

### **A grandeza na rebelião**

A polêmica no pensamento nietzschiano adquire uma função constitutiva, ao propor, à luz da teoria dos filósofos vindouros, um ideal de emancipação, de grandeza do homem. A introdução de novas tábuas e valores deve, similarmente ao projeto iluminista, livrá-lo da obscuridade, da menoridade. “*Força de vontade*”, “*dureza*” e “*capacidade*” para decisões largas integram essa grandeza.<sup>11</sup> A superioridade almejada não rejeita a submissão dos instintos humanos a uma hierarquia, desde que resguardada a sua potência.

É a filosofia negativa que aí atua. Nesse movimento, a vontade de verdade toma consciência de si mesma como vontade de poder. Afinal, “*Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entremesclar nas coisas esse mundo de sinos, como algo ‘em si’, agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente.*”<sup>12</sup>

Diagnosticou NIETZSCHE que, na Europa de então, “*nada é tão atual quanto a fraqueza de vontade.*” (§ 212, p. 119) A submissão a leis arbitrárias fundamenta o autodomínio que põe o homem em segurança diante do caos dos instintos, dos riscos da existência. Dessa sensação, desponta, mediante

<sup>9</sup> Idem, § 11, p. 18.

<sup>10</sup> Idem, § 4, p. 12.

<sup>11</sup> Idem, § 212, p. 119.

<sup>12</sup> Idem, § 21, p. 27.

uma *inversão de valores* atribuída ao povo judeu, a *rebelião escrava na moral*, imputando valorações depreciativas ao indivíduo superior, ao animal de rapina. A nova ordem reage negativamente à postura apreciativa em favor da vida. Novos regimes de moral e de justiça agem, tal qual camisa de força em prol dos valores convencionados.

Todas essas morais que se dirigem à pessoa individual, para promover a sua “felicidade”, como se diz – que são elas senão propostas de conduta, conforme o grau de periculosidade em que a pessoa vive consigo mesma; receitas contra suas paixões, suas inclinações boas e más, enquanto tem a vontade poder e querem desempenhar papel de senhor; pequenas e grandes artimanhas e prudências, cheirando a velhos remédios caseiros e sabedora de velhotas; todas elas barrocas e irracionais na forma – porque se dirigem a ‘todos’, porque generalizam onde não pode ser generalizado – todas elas falando em tom incondicional, tomando a si de modo incondicional, todas elas condimentadas com mais de um grão de sal, mas apenas toleráveis, e por vezes até sedutoras, quando aprendem a soltar um cheiro excessivo e perigoso, ‘do outro mundo’: tudo isso tem pouco valor médio intelectualmente, está longe de ser ‘ciência’ menos ainda ‘sabedoria’; na verdade é, diga-se mais de uma vez, diga-se três vezes, prudência, prudência, prudência, mesclada com estupidez, estupidez, estupidez, - quer se trate da indiferença e frieza da estátua frente ao exuberante destino dos afetos, que os estóicos prescreviam e aplicavam;<sup>13</sup>.

Com o advento da rebelião, “*Enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer-sim a si próprio, a moral dos escravos diz não, logo de início, a um ‘fora’, a um ‘outro’, a um ‘não-mesmo’; esse não é seu ato criador*”. O homem fraco somente se afirma negando aquele a quem não se pode igualar. Consequentemente, o escravo “*traveste sua impotência em humildade, a submissão aos que odeia em obediência, a covardia em paciência, o não poder vingar-se em não querer vingar-se e até perdoar, a própria miséria em aprendizagem para a beatitude [...]*”.<sup>14</sup> Tal valor, originário da fraqueza da alma, se confrontará com a moral aristocrática que surge da autoafirmação.

Se o conflito atua no homem superior como vontade de poder, como “*atração e estímulo de vida mais*”, a anarquia de instintos que domina o último homem – europeu – dá origem a um tipo fraco, adepto da “*felicidade do repouso, da não-perturbação, da saciedade*”, avesso, pois, à contradição.<sup>15</sup>

NIETZSCHE tematiza a face decadente da história da interioridade ocidental desencadeada pela repressão aos espíritos fortes, às impulsões superiores. Sob o patrocínio da filosofia tradicional, o homem se vê limitado à condição de animal sociável e controlável; a obediência, interiorizada, se tornou consciência moral, levando à aparição de um rebanho sem pastor e de uma má-consciência.

<sup>13</sup> Idem, § 198, p. 86.

<sup>14</sup> MARTON, *Das forças cósmicas aos valores humanos*, p. 87.

<sup>15</sup> NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, § 200, p. 98.

## O ascetismo do rebanho

Do instinto gregário se originarão os movimentos políticos da modernidade decadente - socialismo, democracia e anarquismo, vislumbra NIETZSCHE. Exasperação desse instinto, tais herdeiros do movimento cristão compartilham uma “*tenaz resistência a toda pretensão especial, a todo particular direito e privilégio*”, “*desconfiança frente à justiça que pune*” e uma “*religião da compaixão*”, um “*ódio mortal ao sofrimento*”, um “*involuntário ensombrecimento e abrandamento*” que põem a Europa “à mercê de um novo budismo”.<sup>16</sup> Os três eixos expressam a antimodernidade do filósofo.

Os juízos de valor moral assumem, portanto, um sentido utilitário, uma vez que destinados à preservação da comunidade frente ao temor de perigos externos: “*tudo que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo é doravante apelidado de mau; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a mediocridade dos desejos obtém fama e honra morais.*” A “*Moral de animal de rebanho*” redundará num ideal ascético em que a vida nega a própria vida.<sup>17</sup> É esse olhar crítico que dará ensejo à construção de uma genealogia dos sintomas morais - *culpa, má-consciência e coisas afins* -, os quais viabilizam a concretização do poder acachapante do rebanho.

O surgimento do rebanho demanda uma constância que permita o arrefecimento dos instintos. Cabe, por isso, ao homem fazer e cumprir promessas, tornando-se senhor de si; prometemos porque cremos no domínio das circunstâncias. A *promessa* é uma constante que confronta a vontade de poder, na medida em que retém os seus impulsos ainda que perdurem as demandas. Bem por isso o homem dá um fim à sua natureza nômade, recaindo no sedentarismo.

Mas há uma força que atua na contracorrente: o esquecimento. Enquanto mola inibidora ativa, o esquecimento dá lugar ao novo, criando obstáculos à assimilação do vivenciado na consciência; é uma força adaptativa que garante fazer tabula rasa da consciência. A paz, a felicidade, o orgulho, a esperança dele decorrem.<sup>18</sup>

Paralelamente, como possibilidade da constância, desenvolveu-se uma memória, dando origem à responsabilidade e à confiança. É ela que fornece a condição subjetiva para as expectativas compartilhadas de comportamento. A racionalidade se beneficia da memória que, por sua vez, é cultivada por dispositivos penais.

## A hostilidade da má-consciência

A repressão dos instintos leva à interiorização do homem: “*Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro.*”<sup>19</sup> A alma surgirá desse processo. Hostilidade, crueldade,

<sup>16</sup> Idem, § 202, p. 102.

<sup>17</sup> Idem, § 201, p. 100.

<sup>18</sup> Idem, § 1, p. 48.

<sup>19</sup> Idem, 16, p. 73.

prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição se voltam contra ele: eis é a origem da má-consciência. “Com ela [a má-consciência], porém, foi introduzida a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem com o homem, consigo.”<sup>20</sup> Há uma reversão da hostilidade sobre o hostil; a hostilidade passou a ser perseguida. A liberdade latente somente se desafia na própria escravidão. A crueldade antes exercida sobre outrem passa a ser internalizada.

Mediante a *schuld* (dívida e culpa) dá-se um processo em que, tal qual relação entre credor e devedor,

*“A comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e realizações dos antepassados – e de que lhes é preciso para isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma dívida [Schuld], que cresce permanentemente, pelo fato de que os antepassados não cessam, em sua sobrevivência como espíritos poderosos, de conceder à estirpe novas vantagens e adiantamentos a partir do sua força.”*

Nessa troca sobrevém a obediência: “Talvez esteja nisso a origem dos deuses, uma origem do medo, portanto.”<sup>21</sup> Logo, o sentimento de culpa, da obrigação pessoal, teve origem na mais antiga e primordial relação pessoal entre credor e devedor.<sup>22</sup>

Observa NIETZSCHE que o castigo, na sua gênese, não surgiu para dar consciência à regra. Se, de início, visava ampliar a memória, mais tarde o castigo tornou-se uma síntese de sentimentos embotados, sacrificados, alterados. O medo e o controle dos desejos dele decorrentes aguçam uma conduta estratégica adaptada às circunstâncias sociais. A crueldade que daí deriva está embasada numa racionalidade compartilhada.

O ideal ascético que permeia a cultura ocidental redundando numa cruel abnegação para consigo mesma. Ele “nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência.”<sup>23</sup> é um ideal que nega a transitoriedade; o mundo transitório adquirirá valor somente de forma derivada. Com isso, estaca-se o sofrimento, o qual é respondido pelo dever, pela inconstância, pela transitoriedade. O ascetismo, então, implica uma contradição, já que a vida se mostra hostil à vida.

Como dado incontornável da vontade humana, o ideal ascético é consequência do temor ao vácuo: prefere-se “querer o nada, a nada querer”;<sup>24</sup> ideal que obstaculiza o suicídio niilista diante da vida que degenera.

<sup>20</sup> Idem, § 17, p. 78.

<sup>21</sup> Idem, § 19, p. 77.

<sup>22</sup> Idem, § 8, p. 59.

<sup>23</sup> NIETZSCHE. *Genealogia da moral*, § 13, p. 109.

<sup>24</sup> Idem, § 1, p. 78.



Mas a história dos vencedores pressupõe a contrapartida dos vencidos. Dado o silêncio dos escravos, a filosofia nietzschiana espera reconstruir a massa de vitalidade embotada pela cultura judaico-cristã. Operando pelas lacunas, o filósofo pretende fazer ouvir o eco do silêncio relegado aos vencidos. À tendência totalitária, que neutraliza uma vida diferenciada por meio um impulso identitário, NIETZSCHE propõe novos filósofos, com espíritos fortes e originais suficientes para estimular valorizações opostas, tresvalorar valores *eternos*; uma reviravolta de novos valores, livres, criativos, aptos a dar vazão aos impulsos humanos.

## REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

MARTON, Scarlet. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. Ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.